

DUALISMO LINGUÍSTICO EM SANTO AGOSTINHO

DINNO CAMPOSILVAN ZANELLA¹; Prof. Dr. SÉRGIO RICARDO STREFLING²

¹Universidade Federal de Pelotas – dinnocz@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – srstrefling@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O problema a ser discutido é a relação entre linguagem, educação e fala, enfatizando como acontece a comunicação no pensamento filosófico de Santo Agostinho, como encontramos à verdade “onde ela está?”. Com relação à linguagem questiona-se: “Como nos comunicamos?”, “Esta comunicação é realizada de que maneira?” A função da palavra numa tentativa de transmissão de conhecimento. “Uma linguagem exterior é capaz de mostrar a verdade, dar significado por si só?”. Para a solução destes problemas pretendemos usar o conhecimento filosófico contido em algumas de suas obras, a saber: “*Confissões*” e “*De Magistro*”. Foi o primeiro problema filosófico abordado por Agostinho após sua conversão, é um dos fundamentos da sua teoria do conhecimento, pois, na época, era preciso de uma resposta urgente para a discussão que antes era realizada nos limites da “Nova Academia platônica”, sendo dominada pelas análises de Arcersilau (315-241a.C) e Carnéades (214-129 a.C), que sustentavam a tese de que não é possível encontrar um critério de evidência absoluta e indiscutível, o conhecimento limitando-se ao meramente verossímil, provável ou persuasivo. Deste modo, podemos perceber uma dualidade na linguagem, pois há uma linguagem primitiva e uma linguagem intelectual. A primeira pode-se definir como sensitiva, exterior, imperfeita. Usa-se para isso, a fala, a palavra e todos os tipos de sons que podem ser produzidos, na medida em que um “ensina e o outro aprende”. Mas é considerado como conhecimento inferior porque a simples transmissão destes sons não possui nenhum valor de verdade, pois são palavras jogadas ao ar, sem a pretensão de um significado de verdade. Por outro lado, a linguagem da iluminação divina, interior/superior, verdadeira é, aquela que provem de Deus. Deus ilumina o conhecimento humano fazendo com que o homem tenha o verdadeiro conhecimento a partir da fé. Ou seja, o homem ao conhecer o seu interior conhecerá a Deus e também a verdade. Ao passo que suas palavras terão significado e valor.

2. LINGUAGEM NAS OBRAS: “CONTRA ACADÊMICOS” E “CONFISSÕES”

Na obra “*Contra os Acadêmicos*”, em um retiro de Cassiciaco, logo após sua conversão, Agostinho escreveu este diálogo. Realizando uma engenhosa argumentação sobre os sentidos como fonte de verdade. O erro está nos juízos que fazemos sobre as sensações. A sensação como tal não é falsa, mas quando expressa uma verdade externa ao próprio sujeito torna-se falsa. Assim, os cétricos não poderiam refutar se alguém dissesse: “Eu sei que isto me parece branco.” Limito aqui a minha percepção encontrando aí a verdade, verdade da qual não pode ser negada, ou contestada. Agora se digo: “Isto é branco.” Aqui neste caso, há a possibilidade de se cometer erro, pois, existiria uma verdade absoluta que estaria implicada na percepção do objeto. Na obra “*Confissões*”: sua autobiografia, divulgada por volta de 400; e muitos outros trabalhos polêmicos (contra as heresias de seu tempo), de catequese e de uso didático, além dos

sermões e cartas, em que interpreta minuciosamente diversas passagens da Escritura Sagrada.

3. RELAÇÃO ENTRE O COGITO DE AGOSTINHO E A PRETENSÃO DO DESEJO DE FALAR

Pois, se me engano, existo (*Si enim fallor, sum*). Quem não existe não pode enganar-se; por isso, se me engano, existo. Logo, se existo, se me engano, como me engano, crendo que existo, quanto é certo que existo, se me engano? Embora me engane, sou eu que me engano e, portanto, no que conheço que existo, não me engano. Segue-se também que no, que conheço que me conheço, não me engano. Como conheço que existo, assim conheço que conheço. E quando amo essas duas coisas, acrescento-lhes o próprio amor, algo que não é de menor valia. Porque não me engano ao fato de amar, não me engano no que amo, pois, embora o objeto fosse falso seria verdadeiro que eu amava coisas falsas.¹

O famoso “cogito”, de Descartes (“Penso, logo existo”), em que a evidência do eu resiste a toda dúvida, é genialmente antecipado por Santo Agostinho em seu “Se me engano, sou; quem não é não pode enganar-se”. Ele valoriza, pois, a pessoa humana individual até quando ele erra (o que, neste aspecto, não a torna diferente da que acerta). Talvez por isso dê o mesmo peso à parte humana e à parte divina no que diz respeito à encarnação do Cristo.

Na obra “*Confissões*” pode-se perceber o desenvolvimento da temática acerca do conhecimento humano. Trata-se de conhecer as coisas a partir de uma confissão sincera, de quem busca, a partir dos erros e acertos cometidos na vida, encontrar a verdade. Esta busca é realizada em forma de uma súplica a Deus para que o ilumine na tentativa de encontrá-la. Nesta reflexão, Agostinho questionará seus atos, e em especial a forma de conhecer a verdade: “Onde está?”, “Quando estamos falando ou escrevendo podemos errar em nossas afirmações?”, “Estes erros cometidos por nós, nos tornam ignorantes?”, “Nossa memória intelectual, ou o conhecimento interior, é capaz de fazer com que saibamos usar a comunicação de maneira adequada?”, “O conhecer só pode ser realizado pelo estudo do mundo interior, pela alma?”. E a falta de conhecimento será o engano e como consequência a ignorância da pessoa.

Na obra “*De Magistro*”, podemos perceber por meio do diálogo com o filho Adeodato, o desenvolvimento do problema da relação entre linguagem e educação, resolvido no transcórre do diálogo, que parte dos seguintes questionamentos: “O que se deseja quando se fala?”, ou seja, quando nos comunicamos temos alguma pretensão, algum desejo advindo daquela comunicação. “Qual é a pretensão que se tem quando estamos falando?”, “O que é uma palavra?”, “O que é um sinal?”, “O que é o significado de uma palavra?”, “Os sinais podem ter reciprocidade?”, “Como é realizada a educação de uma pessoa, a relação entre ensinar e aprender?”, “O conhecimento está no interior de cada ser humano?”. São questões que o santo aborda na tentativa de encontrar o conhecimento verdadeiro, do qual não se pode suspeitar ser falso ou conter erro.

AG — Que te parece que pretendemos fazer quando falamos?

AD — Pelo que de momento me ocorre, ou ensinar ou aprender.

¹Cf. Santo AGOSTINHO. *A cidade de Deus (contra os pagãos) – Parte II*, 2ª ed. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis/ São Paulo, Editora Vozes/ Federação Agostiniana Brasileira, 1990, XI, 26, p. 47.

AG — Vejo uma dessas duas coisas e concordo; com efeito, é evidente que quando falamos queremos ensinar; porém, como aprender?²

Ou seja, o que está em jogo para Agostinho é a potencialidade da fala, o significado de pronunciar uma palavra. Pois, quando pronunciamos, queremos ser compreendidos, na tentativa de ensinar e aprender. Para o autor essa compreensão da linguagem só ocorre por intermédio da “Verdade interior”, ou seja, de Deus. Deus que por sua bondade transmite o conhecimento ao homem que crê e busca a verdade, porque busca a Deus.

4. CONCLUSÕES

Após estudarmos e analisarmos o tema, certificamo-nos quanto é e, o quanto foi importante para a sociedade medieval e a história, a doutrina filosófica de Santo Agostinho, em especial a sua “teoria do conhecimento”. Constatou-se que no limiar da Era Cristã, houve a necessidade da criação de uma teoria educacional, uma lógica que compreendesse os problemas do conhecimento da época. Com efeito, houve o surgimento de homens brilhantes e corajosos que efetivaram a conjunção do pensamento histórico, para dar uma urgente resposta ao ceticismo da época. Mas, a verdade religiosa encontrada pelo bispo africano, um dos mais importantes da Igreja, oriundo de Tagaste, mais tarde consagrado Agostinho de Hipona. Pode ser considerada como a grande resposta da época para o problema do conhecer verdadeiramente as coisas. A filosofia de Agostinho é uma interpretação de sua própria vida. E esta se resume numa busca ininterrupta da “Verdade”. Exemplo clarividente deste anseio, está delineado em cada linha das suas diversas obras. Agostinho apresenta primeiro um tratado sobre a linguagem e a educação sensitiva, exterior, primitiva. Linguagem que percebe como não verdadeira, pois, o conhecimento advindo desta relação de comunicações não transmite nenhum tipo de conhecimento. São palavras, gestos por si mesmos, sem que haja qualquer tipo de significado. Muito menos nossas falhas de compreensão ou no entendimento das conversas, que nos tornam ignorantes, por não quisermos admitir, ou perceber a verdade, como se um véu encobrisse a nossa razão.

O filósofo africano, como dito acima, dá uma resposta satisfatória para época. A sua resposta tem fundamentação na “teoria da Iluminação Divina”. Doutrina que visa explicar como é possível para o homem ter o conhecimento das verdades eternas. Doutrinas que sejam absolutamente verdadeiras, que não sejam um engano, ou uma falha na compreensão humana. Esta teoria proposta pelo santo bispo faz parte de uma metáfora recebida por meio da leitura de Platão, que mostra na alegoria da caverna ser o conhecimento, em última instância, o bem, e o sol ilumina o mundo inteligível. Onde todas as proposições que são verdadeiras, são realmente verdade porque elas são previamente iluminadas pela luz divina. Agostinho aproxima-se de Platão segundo o qual todo o conhecimento é “reminiscência”, mas Agostinho afasta-se ao entender a percepção do inteligível na alma, não como um conteúdo do passado, mas como irradiação divina no presente. E Deus é a luz eterna de onde procede a Verdade. Acredito que a grande mensagem deixada pelo filósofo seja: “*Crer para entender, entender para crer*”. Mostra assim, a necessidade de termos fé para que possamos entender e assim conhecer a verdade.

² (AGOSTINHO, Santo. *De Magistro*, I).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Santo Agostinho:

AGOSTINHO, Santo. **A Cidade de Deus: (contra os pagãos)**. Parte I, 4 ed. Petrópolis: Editora Vozes. 1999.

_____. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Os Pensadores).

Obras Complementares:

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Paulinas, 1990, v.1. Col. Filosofia.

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. Vol III. São Paulo: Paulinas, 1992.

BONI, Luis Alberto de. **Filosofia Medieval**. Textos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Conhecimento, Ciência e Verdade em Santo Agostinho**. Veritas, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 483-496, set. 1998.

GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média**. Trad.: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HORN, Christoph. **Agostinho: conhecimento, linguagem e ética**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

INACIO, Inês C. e outros. **O Pensamento Medieval**. São Paulo: Ática, 1988.

LARA, Thiago Adão. **Caminhos da Razão no Ocidente: A Filosofia nas suas Origens Gregas**. Vol. I, Petrópolis: Vozes 1989.

MONDIN, Batista. **Introdução à Filosofia: Problema, Sistemas, Autores, Obras**. 4. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. Tomo I e III. Trad.: Maria Stela Gonçalves et alli. São Paulo: Loyola, 2001.

NOVAES, Moacyr. **Linguagem e Verdade nas Confissões**. In: Tempo e Razão. São Paulo: Loyola, 2002.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da Religião**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1991. Col. Filosofia.

_____. **O problema do conhecimento de Deus**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1989. Col. Filosofia, 61.

Documento eletrônico:

AGOSTINO, Sant'. **Tutte Le Opere**. Disponível em: <http://www.augustinus.it>. Acesso em: 28 nov. 2013